

Sobre tolerância, hegemonia e ideologia: Ernesto Laclau e Slavoj Žižek

About tolerance, hegemony and ideology: Ernesto Laclau and Slavoj Žižek

Camila Batista*

Introdução

Em 2007 é publicada a obra de Slavoj Žižek, *Em defesa da intolerância*. Esta, em que pese sua brevidade – 125 páginas –, traz à tona um problema central para a reflexão política contemporânea. Ao explicitar o que considera uma ferida gerada pelo multiculturalismo, o filósofo expõe a tolerância como um novo tipo de ideologia, através da qual o campo político emergente passa a ser compreendido como fundado em questões culturais, provocando, assim, a despolitização da economia. Neste sentido, propomo-nos a explicar, especificamente, a influência das concepções de hegemonia e cadeia equivalencial, retiradas da obra de Ernesto Laclau, para a composição deste escrito de Žižek.

O Multiculturalismo

Não é preciso ir muito longe para encontrar a palavra “tolerância” em noticiários, como algo a ser encorajado, uma forma de criar uma relação de aceitação mútua entre as diferenças. Mas a pergunta levantada na obra *Em defesa da intolerância* (2007) de Slavoj Žižek abrange muito mais que casos isolados. “É realmente assim?” (ŽIŽEK, 2007: 11), pode parecer uma pergunta inocente e simples, mas quando referida à situação política atual, assume proporções que necessitam de uma discussão mais abrangente. A pergunta sugere que a própria mídia que prega a “tolerância” é liberal e demoniza uma postura contrária à tolerância, condenando o fundamentalismo presente em atitudes intolerantes e sugerindo que a solução é que se aceite a globalização, o multiculturalismo crescente.

Aceitar o multiculturalismo consistiria em aprender a conviver com refugiados, LGBTIs, posicionamentos feministas, diversas religiões, entre outros aspectos. O assunto não é novidade: Hannah Arendt, como refugiada, já escrevia sobre o assunto na década de 40¹. O multiculturalismo tem sido amplamente difundido, seja por questões regionais, nacionais ou internacionais. A pergunta que segue é: qual a implicação desta grande diversidade cultural para o caráter político da sociedade? Para Žižek essa “forma hegemônica de multiculturalismo se baseia na tese de que vivemos em um universo pós-ideológico” (2007: 11.). Como nossa abordagem se ocupa da política em sua forma, começaremos por definir o que significa pós-ideológico.

A definição de ideologia utilizada por Žižek é extraída da obra de Karl Marx (1818-1883), o qual, à maneira bíblica, afirma que no terreno da ideologia: “eles

¹ A autora descreve como, na condição de refugiada, ela e outros se sentiram ao se tornar apátridas: sem direitos, sem a sensação de estar em seu lar, sem voz. Cf. (ARENDRT, 1996).

não sabem, mas o fazem” (ŽIŽEK, 1992: 59).

Atribui-se à ideologia, portanto, uma certa ingenuidade constitutiva: a ideologia desconhece suas condições, suas pressuposições efetivas, e seu próprio conceito implica uma distância entre o que efetivamente se faz e a “falsa consciência” que se tem disso. (ŽIŽEK, 1992: 59)

Portanto, afirmar um universo pós-ideológico significa dizer que não há mais uma falsa consciência desse estado desfavorável no qual se encontra, por exemplo, um trabalhador explorado pelo patrão. Ao contrário: segundo Peter Sloterdijk² (1983), a “falsa consciência” é “esclarecida”, de modo que o dito de Marx pode agora ser lido como “eles sabem o que fazem, mas o fazem mesmo assim” (ŽIŽEK, 1989: 60). Isso significa que se sabe que há a exploração, mas dela faz-se pouco caso, tratando esta opressão de modo “cínico”.

A primeira hipótese que podemos levantar acerca da tolerância neste contexto seria esta: o elemento de cinismo presente nesta concepção de política pós-ideológica, não seria justamente a tolerância, na medida em que ao praticá-la se ignora o motivo pelo qual a tolerância foi necessária? Devemos irmos mais fundo no problema antes de responder esta questão.

Afirmar um universo pós-ideológico significa que o problema político direita/esquerda não se constitui como foco principal da política – caindo o objeto da ideologia, a opressão exercida por uma particularidade mascarada de universalidade, cai a batalha entre direita e esquerda por igualdade – foco este que, segundo Žižek, deslocou-se para o “reconhecimento das diversas formas de vida” (2007: 12). O que o filósofo concebe como “despolitização

da economia” consiste nisso: o fator econômico que sustentou o argumento de desigualdade tornou-se obsoleto, dando lugar a questões identitárias e culturais.

O papel da tolerância em meio a essa nova concepção da sociedade pós-ideológico é o de sustentáculo que atua através de uma despolitização. Tendo isso em vista, é necessário questionar: o que sustentava a política anteriormente? Muito mais do que a concepção de direita e esquerda, a resposta seria “a paixão política que alimenta a discórdia” (ŽIŽEK., 2007:12).

A tolerância torna o campo político imparcial, e, ao mesmo tempo, perigoso. O caso comentado por Žižek em 2015 de *Charlie Hebdo* é um exemplo tanto do cinismo presente na concepção pós-ideológica quanto do perigo da mesma.

O problema com o humor do Charlie Hebdo não é que ele tenha ido longe demais em sua irreverência, mas que era um excesso inócuo que se encaixava perfeitamente no funcionamento cínico hegemônico da ideologia em nossas sociedades. Ele não representava ameaça alguma àqueles no poder; ele meramente tornava seu exercício do poder mais tolerável. (ŽIŽEK, 2015a)

Charlie Hebdo, jornal francês, foi atacado em janeiro de 2015 como resposta às recorrentes sátiras com o profeta Maomé. A resposta muçulmana foi de cunho radical. A morte de 12 pessoas levantou bandeiras no mundo todo com o solidário jargão *Je suis Charlie*, e os muçulmanos ficaram prontamente conhecidos como extremistas, fundamentalistas e violentos terroristas.

Devemos voltar um pouco e considerar outro termo que surgiu no caminho da tolerância multicultural de Žižek: hegemonia.

² Referimo-nos à obra em geral devido à própria marcação de Žižek.



A Hegemonia

Hegemonia é a apropriação de uma particularidade de um significante de cunho universal para manter uma supremacia. Para Ernesto Laclau (1935-2014), um grupo que toma uma posição hegemônica cria um “nós”, um significante que tem por objetivo suturar o corpo da sociedade, na medida em que, como não há um sentido fixo para sociedade, o sentido assumido pela particularidade enquanto universalidade, passa a dar sentido, mesmo que passageiro, para a sociedade: “uma intervenção contingente levada a efeito num terreno marcado por oposições indecidíveis [undecidable] é exatamente o que chamamos de intervenção hegemônica” (LACLAU, 1996: 12). Isso significa que, nesse processo, algo é decidido no campo do indecidível, e o fechamento parcial através da hegemonia possibilita que haja sentido, ainda que temporário. Para Laclau, essa concepção de hegemonia não é negativa, mas é o caminho para a possibilidade emancipatória das demandas sociais³. É importante deixarmos claro que o uso que Žižek (2007: 13) faz do termo “hegemonia” é em um sentido ideológico, portanto, “hegemonia ideológico-política” (2007: 13).

A perspicácia da hegemonia ideológica consiste em falar em nome da maioria, enquanto defende nada menos que o interesse de uma particularidade. Isto “vale para qualquer outra noção ideológica de alcance ou pretensão universal: convém encontrar o caso particular que outorgue a eficácia da noção ideológica” (ŽIŽEK, 2007: 14). O caso do aborto para a “mãe solteira negra” demonstra que o sentido dado para o aborto, naquele caso específico, passa a ter um significado negativo, ainda que quando desenvolvido o sistema de bem-estar [Welfare State], o

sentido fosse outro; nisso consiste o deslocamento de sentido. A noção ideológica, como no caso do aborto, é sustentada pelo uso de uma particularidade, revestida de universalidade. Assim sendo, a particularidade que assume a hegemonia é a detentora da verdade, na medida em que cristaliza o significado de um conteúdo.

Esta "distorção" em virtude da qual um fato pontual acaba revestido com as roupagens do "típico" e refletindo a universalidade de um conceito, é um elemento de fantasia, o pano de fundo e o suporte fantasmático da noção de ideologia universal: em termos kantianos, assume a função de "esquematismo transcendental" e, por assim dizer, serve para traduzir a abstrata e vaga noção universal em uma noção refletida em, e pode-se aplicar diretamente a, nossa "experiência concreta". Essa concreção fantasmática não é uma mera ilustração, uma anedótica exemplificação: é nada menos que o processo mediante o qual um conteúdo particular acaba revestindo o valor do "típico"; o processo no qual se perdem e se ganham as batalhas ideológicas. (ŽIŽEK, 2007: 14 Tradução do editor)

Algo que não tem significado político é ressignificado politicamente e torna-se visível, em sua particularidade, como algo universal. Novamente: o caso particular da mãe solteira negra, caso isolado, passa a valer como regra.

O conteúdo, a particularidade, é sempre um significante vivido espontaneamente, um significante que “transcende os confins da política” (ŽIŽEK, 2007: 15). O filósofo alega que o que Ernesto Laclau (1935-2014) concebeu por lógica da equivalência funcionou. É importante que compreendamos o que significa esta lógica antes de prosseguirmos.

³ A obra de Ernesto Laclau de 1996, *Emancipations*, ocupa-se em geral da possibilidade, segundo a teoria do discurso, da emancipação das demandas sociais baseadas na teoria da hegemonia.

Como não é nosso foco neste artigo, nos deteremos a um pequeno resumo de como Laclau concebe a lógica da equivalência. O surgimento de uma “subjetividade popular”⁴ ocorre quando há uma identificação negativa com outras demandas por um gesto tanto de solidariedade quanto de reconhecimento de si em uma parte do Outro, parte essa que também a exclui⁵. Dito isso, podemos alegar que tal constituição se dá de maneira negativa, a partir de um antagonismo. O reagrupamento das demandas através dessa relação de antagonismo se dá pela lógica da equivalência, e forma a chamada “cadeia equivalencial” (LACLAU, 2009: 57).

Em resumo, a hegemonia é um exercício que dá significado à cadeia equivalencial formada através dessa relação de antagonismo⁶. Quando Žižek afirma que a lógica da equivalência tem funcionado, significa não somente o “momento mágico de solidariedade” (ŽIŽEK, 2007: 16), mas que o vínculo é politicamente frágil na medida em que cada uma das demandas unidas pela equivalência postulam que a sua significação do termo “solidariedade” é a verdadeira. Mas o problema, acima da situação que é capaz de formar a cadeia equivalencial, é onde a tolerância remete a um tipo de universalidade.

Se a paixão política está situada no dissenso, a lógica da equivalência, a hegemonia e o antagonismo não estão

retirados da categoria. O problema é o deslocamento do significante, a forma como se articula a política nesse molde com a inserção da ideologia.

O exemplo citado no texto de Žižek (2007), de caráter apolítico, “solidariedade”, remete a uma movimentação política que, unindo as mais diversas demandas, foi capaz de retirar “os comunistas do poder” (2007: 12). Os conceitos representam a lógica da equivalência em funcionamento, retirado de um caso no qual surgiu enquanto força opositora a uma hegemonia em vigência. Ou seja, o papel do elemento apolíticos é o de estabelecer uma conexão – lógica da equivalência – através de um significante – solidariedade – entre aqueles que a hegemonia dominante exclui.

Essa relação nos leva a afirmar que o campo político não pode existir sem que a relação de oposição ocorra. Dito isso, segue a alegação de que não há política sem oposição; não há equivalência se existe tolerância, na medida em que a tolerância tende a apaziguar, acalmar o campo político e torná-lo não mais um “campo de batalha”, mas uma zona de aceitação mútua de diferenças. A consequência dessa aceitação consiste na manutenção da hegemonia no poder. De que maneira?

O Sensacionalismo

Em novembro de 2015, os atentados na França mataram cerca de 120 pessoas.

⁴ Ernesto Laclau dedicou amplamente seus trabalhos acerca do populismo e da construção de uma subjetividade popular; decidimos não mudar os termos, resumindo apenas a lógica da equivalência, para que nosso trabalho não seja demasiado simplista. Acerca do populismo e identidades populares. Cf. (LACLAU, 2005).

⁵ Não há hegemonia no vazio: o discurso é ontologia. Ser é fazer sentido. Fazemos sentido por diferença, algo faz sentido quando se opõe a outra coisa. Desse modo, ao alegar que a hegemonia é equivalência, significa que o campo de sentido da hegemonia é a própria diferença. O antagonismo não pode ser excluído da formação de sentido. Porém, como nosso foco é a política, o campo da diferença e da equivalência não tiveram uma explicação densa por não ser nosso foco.

⁶ Não é possível conceber uma relação hegemônica sem antagonismos. Na medida em que a hegemonia se impõe, ela acaba deixando algo de fora de si: o antagonismo é criado pela própria hegemonia em vigência; as demandas que não se refletem naquela hegemonia, que não se sentem representadas por elas, se ligam através desse antagonismo na lógica equivalencial. Cf. (LACLAU; MOUFFE, 1987).



Novamente, como no caso do *Je suis Charlie*, o repúdio mundial baseou-se em solidariedade.

Sim, os ataques do dia 13 de novembro em Paris devem ser incondicionalmente repudiados, mas... não quero aqui procurar introduzir circunstâncias atenuantes, a questão é que eles devem ser realmente repudiados, e para isso é preciso de mais do que o simples e patético espetáculo de solidariedade por parte de nós, cidadãos “livres”, “democráticos”, “civilizados”, contra o grande monstro assassino muçulmano. (ŽIŽEK, 2015b)

Ao situar a união solidária entre os “livres”, “democráticos” e “civilizados”, Žižek aponta para a fronteira criada: os solidários são o bem, são os que detêm já uma política realmente democrática, inquestionável. Criar uma fronteira política, um antagonismo, necessita da criação de um inimigo. O “grande monstro muçulmano” é nosso inimigo, somos solidários àqueles que também são inimigos deles. Bem, o que faremos? Toleraremos mutuamente nossas diferenças políticas em nome da solidariedade e, caso haja um massacre ainda maior contra os muçulmanos, não nos será uma perda... afinal, são nossos inimigos. Os elementos da hegemonia estão dados: a barreira e a criação do inimigo demonstram o que a hegemonia excluiu de si.

O papel da mídia nesses casos é o sensacionalismo: é fácil ligar o cinismo à mídia quando se percebe que o grande estandarte do Ibope atual são as crises; atentados terroristas são um prato cheio para disseminar a tolerância, pois as transmissões das notícias por si só já nos contam quem é a hegemonia em vigência – aquela que sofreu o atentado – e quem é o inimigo a ser repudiado. Mas algumas questões não são postas em evidência pela

mídia sensacionalista: qual a situação do Estado islâmico? Qual a situação dos refugiados?

O inimigo criado se transforma no grande monstro a ser combatido; o mundo se mobiliza a favor daqueles que sofreram o atentado; qualquer ligação com – por exemplo – os muçulmanos, é imediatamente considerada como uma defesa do terrorismo. Ao alegar que é necessária uma boa dose de intolerância, Žižek não confabula com o terrorismo (ŽIŽEK 2007: 11). O filósofo defende que o posicionamento tolerante torna o campo político inerte, na medida em que não há mais antagonismos a ser formados, não há questionamento do poder da hegemonia dominante e, por fim, os veículos de comunicação sensacionalistas operam de maneira indiferente ao que se perdeu ou ao que se ganhou com um atentado terrorista. Sua ocupação é com o Ibope, a notícia em primeira mão, bem como introduzir a mensagem de que, por exemplo, quando um sindicato vai às ruas, está “fechando a passagem”, “impedindo o trânsito”, etc.

Mas o que significam, afinal, juntos, todos os pontos que colocamos? Pois bem: a denúncia de Žižek é que a hegemonia – no caso europeia – é mantida, essencialmente quando a postura tolerante colabora na inibição dos questionamentos: “Pense na vida cotidiana no Congo, no Afeganistão, na Síria, no Iraque, no Líbano... – onde está o alarido por solidariedade internacional quando centenas de pessoas morrem nesses lugares?” (ŽIŽEK, 2015b)

A hegemonia europeia, revestida de solidariedade, mantém-se como a grande vítima, enquanto seus atos permanecem impunes e sua política, inquestionável.

Há dois caminhos que podemos seguir para tornar mais claro o significado de tolerância e as consequências a que o

termo remete. O primeiro, é pensar de acordo com a questão da nomeação apresentada por Ernesto Laclau. O segundo, situar a ideologia no campo considerado pós-ideológico.

De acordo com Laclau, quando se dá nome a algo, se diz o que ele *não é*: ou seja, a definição se dá em um campo de diferenças, pois só se sabe o que não se é em comparativo com algo diferente. A pressuposição de sentido, esse fechamento parcial de uma realidade sobre um significante, torna possível a identificação, o transforma em um “referente identificável” (LACLAU, 2009: 51).

Pensar a nomeação no campo da hegemonia europeia é alegar que, para se identificar é necessário deixar claro o que não se é: terrorista. A tolerância presente no multiculturalismo é afirmada e só pode assim se denominar se se extinguirem as formas de intolerância. Identificar-se no campo da tolerância significa, de acordo com a hegemonia europeia, identificar-se com um Estado onde não se deve buscar o conflito, mas aceitar que estamos vivendo na era da globalização e da diferença.

Os intolerantes por trás de ataques contra a hegemonia são os inimigos do outro lado da fronteira. Combater o que está além da fronteira da tolerância justifica as atitudes por parte da hegemonia dominante. Os ataques europeus ao estado islâmicos ganham um sentido único: a defesa de um país inocente que sofreu ataques por parte de terroristas os quais não são considerados como iguais num sentido político, mas como inimigos em um campo de guerra que devem ser abatidos.

Toda união de cadeia equivalencial por solidariedade é negativa? Não. Entretanto, quando ocorre uma subversão do significado inicial, aquele que uniu as mais variadas demandas pela solidariedade, o sentido daquela nomeação muda e pode assumir um caráter de manutenção da hegemonia,

significando a solidariedade como um repúdio aos muçulmanos (LACLAU, 2009: 63).

O processo de nomeação e a definição do campo de sentido será dado pela hegemonia em vigência, definindo quem é o inimigo e a quem devemos ser solidários. No caso da tolerância enquanto elemento mantenedor da hegemonia europeia, sua nomeação significa não somente ditar um significado para o termo “tolerância”, mas a inserção desse significado simboliza a cristalização do campo político da maneira como está.

O segundo modo de compreender a tolerância retorna ao significado de pós-ideológico. Sabemos mesmo o que fazemos e persistimos? Podemos ainda ser “vítimas” de uma mídia sensacionalista? Como pensar a ideologia dentro do campo da hegemonia em clara vigência nos problemas atuais? Segundo Žižek, “uma ideologia desempenha um papel “hegemônico” quando consegue investir nos elementos decisivos, mas em si “neutros”, de um dado campo ideológico” (ŽIŽEK, 1992: 27).

A tolerância, elemento neutro de sentido universal, caracteriza o papel hegemônico da ideologia na medida em que é utilizado para justificar alianças em nome de uma boa convivência multicultural e deixar de lado questões político/econômicas.. A figuração dos elementos e sua articulação são hegemônicas, mas a ideologia, esse “não saber”, continua presente, revestido de uma roupagem diferente.

Ao contrário de ser uma questão ultrapassada, não é desnecessário falar sobre isso: a preocupação de Žižek é que a tolerância, alardeada pela mídia sensacionalista e nomeada como positiva pela hegemonia em vigência não é combativa, tornando a solidariedade e seu caráter primeiramente formador de cadeias equivalenciais antagônicas favorável a si mesma, formando uniões que a mantenham no poder, sem atritos políticos



entre eles – desnecessário é dizer que fazer alianças tolerantes é uma questão sócio/econômica de manutenção europeia enquanto centro mundial de expansão do capitalismo – mas com a criação de um inimigo que, além de deixado de fora e demonizado por atos terroristas, não é caracterizado como um ator político em ato de desesperado contra-ataque a uma situação de silêncio mundial frente ao estado de exceção vivido diariamente.

Conceber esse pensamento acerca da tolerância é pensar acima de termos como *bem* ou *mal*. É pensar, antes, como a estruturação desse bem e mal afetam nas relações hegemônicas atuais. É pensar a ideologia: ideologia enquanto modo articulatório de estipular na sociedade o que é bom ou ruim, qual é o *verdadeiro* significado de bom e ruim (ŽIŽEK, 1992: 154). A verdadeira solidariedade, então, é aquela para com a Europa que sofreu atentados terroristas. A verdadeira tolerância é a em nome de uma boa convivência, sem questionamentos políticos que atinjam a minoria no poder, mas que a mantenham.

O retorno à paixão política e à politização da economia consistem em ir além das questões multiculturais sob a roupagem da tolerância, enxergar os pontos nos quais a hegemonia tolerante mantém a política liberal como a única verdade possível e inquestionável. Enquanto a tolerância multicultural é defendida, os “inimigos” continuam a viver em crise e em Estados violentos. A situação dos imigrantes não é diferente: os direitos são concedidos na mesma medida em que são criadas novas barreiras de aceitação.

Por fim, vale ressaltar que a própria relação entre aqueles que se mobilizam pela solidariedade é criadora de uma barreira não mais externa, mas interna.

O multiculturalismo é uma forma inconfessada, invertida, autorreferencial de

racismo, um “racismo que mantém as distancias”: “respeita” a identidade do Outro, o concebe como uma comunidade “autêntica” e fechada em si mesma a respeito da qual ele, o multiculturalismo, mantém uma distância assentada sobre o privilégio de sua posição universal. O multiculturalismo é um racismo que esvaziou sua posição de todo conteúdo positivo (o multiculturalismo não é diretamente racista, porquanto não contrapõe ao Outro os valores particulares de sua cultura), mas, não obstante, mantém sua posição enquanto privilegiado ponto vazio de universalidade a partir do qual se pode apreciar (ou depreciar) as outras culturas. O respeito multicultural pela especificidade do Outros não é senão a afirmação de sua própria superioridade. (ŽIŽEK, 2007: 57. Tradução do editor)

Novamente, a concepção multicultural é liberal na medida em que outorga um tipo de exclusividade a cada identidade. O problema está na compreensão de que, dentro de um sistema hegemônico, uma exclusividade se sobrepõe às outras. Então, a relação multicultural não é antagônica, se não diferencial. A lógica da diferença é o estágio anterior à lógica da equivalência. Segundo esta lógica, não há divisão social e toda demanda *legítima* pode satisfazer-se de um modo administrativo, não antagônico (LACLAU, 2009: 56). Por legítima, significa que, enquanto a lógica da equivalência se dá através de um significante apolítico, a lógica da diferença se situa no campo da regulação política, uma demanda positivada, que faz petições ao governo para que tenha sua demanda atendida. Ou seja: não existem problemas sociais que não possam ser resolvidos pelo governo, bem como não é necessária uma mobilização coletiva, sendo que as demandas podem ser particularmente satisfeitas (LACLAU, 2009: 56), dentro desta lógica, se não há desigualdade, cada um deve

manter sua particularidade e cuidar cada qual de seu respectivo problema.

Alegar que a tolerância multicultural abrange e acolhe refugiados é uma falácia segundo a lógica da diferença, pois não enxerga a situação dessas pessoas como um tipo de desigualdade social. Por isso a tolerância é, enfim, um elemento politicamente neutro, sustentáculo de uma hegemonia mascarada de solidária, porém, perniciosamente nociva e dominante.

Considerações finais

A discussão presente neste artigo possibilitou esclarecer brevemente como a tolerância tende a neutralizar a política. O que estava em jogo era como a política passou a ter um “centramento” – ainda que contingente – sob uma base liberal, na qual a ligação possível entre demandas se dá não mais por uma combatividade de problemas de cunho econômico, mas multicultural. Como pudemos averiguar, além da mudança de foco, a tolerância combate a própria combatividade.

O grande entrave desta concepção está em que, nos casos que apontamos, o problema está dado pela minoria hegemônica, detentora do poder e estipuladora da verdade – e do inimigo. A formação ideológica ainda presente em nossos dias detém uma roupagem mais perigosa: não se trata somente da exploração do eu, enquanto aquele que é enganado, mas do uso de um outro que seja o objeto do ódio.

Se as formações políticas não podem mais ser concebidas sob centros absolutos, universais, como, pensando através do conceito de hegemonia, é possível pensar em uma solução para este problema? Ernesto Laclau não extingue a possibilidade de uma formação populista de esquerda, na qual a solidariedade possa ser pensada não somente como um objeto de deslocamento de sentido a favor de uma maioria, mas

como possibilidade emancipatória de uma política que está cada vez mais neutralizando a opção do sujeito de determinar o que lhe é bom ou ruim no cenário político. Quais são as possibilidades emancipatórias dos sujeitos, dentro da atual política neoliberal, tolerante e multicultural? A resposta a essa pergunta depende não apenas de muito estudo, mas, principalmente, de prática.

Bibliografia

ARENDDT, Hannah. We refugees, in Marc Robinson (ed.), *Altogether Elsewhere*. Writers on Exile, Washington: Harvest Books, 1996.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Madrid: Fondo de cultura económica, 2005.

_____. Poder e representação. In *Estudos Sociedade e Agricultura*, 7, dezembro 1996: 7-28.

_____. Populismo: qué nos disse el nombre? In PINAZZA, Francisco (Org.). *El populismo como espejo de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

ŽIŽEK, Slavoj. *En defensa de la intolerancia*. Madrid: Sequitur, 2007.

_____. *Elogio da Intolerância*. Lisboa: Relógio d'água, 2006.

_____. *Eles não sabem o que fazem: sublime objeto da ideologia*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992.

_____. Eu sou estúpido e maldoso: 2015a. Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2015/02/16/eu->



[sou-estupido-e-maldoso-zizek-esclarece-sua-posicao-sobre-o-je-suis-charlie/](https://blogdaboitempo.com.br/2015/11/20/perturbacao-numa-redoma-zizek-escreve-sobre-os-atentados-em-paris/) >.

_____. Perturbação numa redoma: 2015b.

Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2015/11/20/perturbacao-numa-redoma-zizek-escreve-sobre-os-atentados-em-paris/> >.

Resumo: o presente artigo tem por objetivo definir as concepções de tolerância, hegemonia e ideologia presentes na obra *En defensa de la intolerancia* (2007) de Slavoj Zizek na qual o filósofo concebe a tolerância como um novo tipo de ideologia mascarada pelo neoliberalismo multicultural. Privilegiaremos o diálogo com Ernesto Laclau, pois o uso dos conceitos como “hegemonia” e “lógica da equivalência” articulam um tipo de crítica com o conceito de tolerância como ideologia. Através do conceito de cadeia equivalencial, apresentaremos como se articula a tolerância de maneira a neutralizar a política, bem como do termo “solidariedade”, que em Laclau possui um significado positivo, mas que em Zizek funcionam como o sustentáculo da hegemonia ideológico política. Por fim, uma análise do papel da mídia nesse contexto tornará possível ligar os conceitos dispostos no corpo do texto para que se possa compreender o que, para Slavoj Zizek, implica a tolerância na política atual.

Palavras chave: multiculturalismo; tolerância; ideologia; hegemonia.

Abstract: The present article aims to define the conceptions of tolerance, hegemony and ideology present in Slavoj Zizek 's *En defensa de la intolerancia* (2007), in which the philosopher conceives tolerance as a new type of ideology masked by multicultural neoliberalism. We will privilege dialogue with Ernesto Laclau, since the use of concepts such as "hegemony" and "logic of equivalence" articulate a type of criticism with the concept of tolerance as an ideology. Through the concept of equivalence chain, we will present how tolerance is articulated in a way that neutralizes politics, as well as the term "solidarity", which in Laclau has a positive meaning, but which in Zizek function as the support of political ideological hegemony. Finally, an analysis of the role of the media in this context will make it possible to link the concepts arranged in the body of the text so that one can understand what, for Slavoj Zizek, implies tolerance in the current politics

Keywords: multiculturalism; tolerance; ideology; hegemony.

* **Camila Batista** é licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR (2016). Cursa mestrado na mesma instituição, na área de Ética e Política, sob orientação de Horacio Luján Martínez.